

O ACERVO ICONOGRÁFICO DE CASTRO FARIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA VISUAL NO BRASIL

Maria Celina Soares de Mello e Silva^{*}

Jacqueline Ribeiro Cabral^{**}

Resumo

Apresenta um panorama acerca do arquivo pessoal de Luiz de Castro Faria (1913-2004), doado ao Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, em 2000, que reúne mais de 7 mil documentos –, como contribuição para o debate em torno da memória e das imagens como resultado do trabalho científico. Castro Faria foi pioneiro no campo da antropologia no Brasil e mestre de várias gerações de professores e especialistas, tendo atuado como colaborador de Claude Lévi-Strauss na Expedição Etnográfica à Serra do Norte, quando trabalhava como naturalista do Museu Nacional. A pesquisa tem como foco principal o estudo dos documentos iconográficos presentes neste fundo por meio da identificação dos gêneros de imagem e do tratamento dessas fontes, de tal forma que seja possível analisá-las como recurso na prática científica do antropólogo. As fotografias e negativos retratam parte da trajetória profissional do cientista em seus trabalhos de campo junto às populações indígenas no território nacional e às escavações arqueológicas de sambaquis em Santa Catarina e outros estados da federação, dentre outros tantos registros fotográficos que inspiraram inúmeras produções acadêmicas. A partir do estudo tipológico das imagens constantes no fundo de Castro Faria, será possível caracterizá-las de acordo com as atividades e pesquisas realizadas, fornecendo aos pesquisadores do acervo uma informação mais contextualizada. Além disso, a tipificação das imagens poderá ser utilizada como subsídio para outros acervos e instituições que lidam com gênero iconográfico, ampliando assim o acesso a este patrimônio da ciência brasileira e tornando-o manancial para pesquisadores de diversas áreas das ciências sociais.

Palavras-chave: arquivo pessoal; antropologia; iconografia.

^{*} Doutora em História Social pela USP, arquivista do Arquivo de História da Ciência e coordenadora do Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia no MAST. Atualmente, desenvolve projeto sobre o estudo dos tipos e gêneros de documentos iconográficos em acervos pessoais de cientistas, dentre outras pesquisas.

^{**} Doutora em História das Ciências pela Fiocruz e professora da Universidade Federal Fluminense. Atuou como bolsista do CNPq no âmbito do projeto “Estudo da espécie e tipologia documental de arquivos de ciência e tecnologia”, coordenado por Maria Celina Soares de Mello e Silva, do Arquivo de História da Ciência do MAST.

Abstract

Presents an overview about the personal archives of Luiz de Castro Faria (1913-2004), donated to the MAST in 2000 – more than 7000 documents – as a contribution to the debate on the memory and the images as a result of scientific work. Castro Faria was a pioneer in the field of anthropology in Brazil and master of several generations of teachers and specialists, having acted as Claude Lévi-Strauss's collaborator on Ethnographic Expedition to the Sierra Norte, while working as a naturalist of the National Museum. The research has as its main focus the study of iconographic records present in that archives through the identification of types of image and treatment of these sources, in such a way that one can analyze them as a resource in the scientific practice of the anthropologist. The photographs and negatives depicting part of the professional trajectory of the scientist in his field work among the indigenous population in the national territory and to the archaeological excavations of shell mounds in Santa Catarina and other States of the Federation, among many other photographic records which inspired numerous scholarly productions. From the typological study of the images in the Castro Faria archives, you can characterize them according to the activities and research, providing researchers with more contextualized information. In addition, the typification of the images can be used as a subsidy for other collections and institutions that deal with iconographic genre, expanding access to this heritage of Brazilian science and making it the source for researchers from various fields of the social sciences.

Key words: personal archives; antropology; iconography.

Introdução

O presente trabalho visa apresentar o estudo nos documentos iconográficos, ora em andamento no arquivo pessoal do antropólogo Castro Faria, com o objetivo de analisar e definir os tipos de imagens, bem como mostrar a importância das mesmas no trabalho de um antropólogo. A produção documental iconográfica deste arquivo é rica no que se refere a imagens produzidas durante o desenvolvimento de seu trabalho de campo como antropólogo, testemunhando e comprovando suas atividades.

O projeto de pesquisa “Estudo da espécie e tipologia documental de arquivos de ciência e tecnologia”, tem o Arquivo Castro Faria como objeto de investigação. A atual fase do projeto tem como foco principal o levantamento dos documentos iconográficos presentes neste fundo por meio da identificação dos gêneros de imagem e do tratamento dessas fontes, de tal forma que seja possível analisá-las como recurso na prática científica do antropólogo e do arqueólogo.

A importância de se identificar os gêneros fotográficos está na contribuição para a classificação e descrição das imagens, como forma de contribuir para melhor compreendê-las e representá-las, informação esta relevante para o usuário ou pesquisador.

O estudo dos gêneros fotográficos é mais comum na área da comunicação e do jornalismo, onde é possível encontrar categorias já estabelecidas. No campo dos

arquivos pessoais, esse estudo é pouco explorado e desenvolvido. O trabalho de identificação e conhecimento dos tipos de registros fotográficos permitirá a categorização das imagens em arquivos fotográficos e sua importância nos arquivos pessoais. Este conhecimento também permitirá a definição das classes de documentos, estabelecidas a partir da identificação das atividades produtoras das imagens.

A fotografia como documento

A fotografia no trabalho científico pode se tornar um documento que registra e testemunha resultados obtidos. Para Manini:

A fotografia só se torna um documento de uso geral, de interesse público coletivo e de importância histórica e/ou cultural quando inserida num arquivo; importará sua origem ou proveniência, a finalidade de sua criação ou produção, e será tratada segundo um agrupamento sistemático, respeitando a organicidade do fundo a que pertence (MANINI, 2008, p. 127).

A autora acrescenta que a fotografia deve ser tratada no arquivo como um documento igual aos demais, tendo seu lugar no arranjo preservado. No caso do Arquivo de Castro Faria, os documentos iconográficos estão sendo tratados antes dos documentos textuais, porém seu lugar no total do conjunto documental do acervo está preservado na classificação presente no instrumento de busca do arquivo.

É preciso estudar o uso científico das imagens do acervo de Castro Faria, bem como o acervo de outros cientistas sob a guarda do MAST, para melhor definir as categorias de gêneros fotográficos que atendam às necessidades e especificações do acervo do Arquivo de História da Ciência.

Em sua tese de doutorado sobre as fotografias da Fundação Rockefeller, Aline Lopes Lacerda trata da questão das fotografias não apenas como documento, mas como documento de arquivo. Para a autora, “a fotografia como documento, e mais além, como documento de arquivo, não constitui um movimento consensual na área” (LACERDA, 2008, p. 89). Neste sentido, busca referencial em Antonia Heredia Herrera (1993, p. 7-15), ao refletir sobre as relações entre as fotografias e os demais documentos. O que marcaria a diferença dos documentos fotográficos seria a ambiguidade da natureza da atividade que produziu a fotografia. O documento de arquivo é fruto de uma atividade e é testemunho desta atividade. No caso da fotografia há a dificuldade de atribuição clara para se determinar a competência e, por consequência, as funções e atividades que geraram a fotografia.

Deixando o âmbito dos arquivos de instituições, Lacerda destaca a fotografia como documento nos arquivos pessoais:

No caso dos arquivos pessoais, o valor documental está mais ligado à função ou ao uso da imagem em relação à vida do titular do arquivo e deve ser considerada em relação ao conceito de acumulação. Um indivíduo pode nunca ter produzido imagens como forma de provar ações ou por obrigações funcionais provenientes de sua atividade profissional, mas pode ter colecionado, acumulado imagens ao longo da vida por diversos motivos e são esses motivos que podem revelar a utilidade da coleção de registros ao longo da trajetória, tanto pública quanto mais privada, da vida de um indivíduo (LACERDA, 2008, p. 117).

Lacerda, tratando das imagens produzidas pela Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil, trata das fotografias produzidas pelas atividades desempenhadas pelo órgão, fruto de seu trabalho científico:

Do ponto de vista temático, são muitos e absolutamente diferenciados os assuntos retratados: os trabalhos de captura e sangria de animais silvestres a aspectos urbanos de cidades e vilarejos; de atividades de vacinação em postos de atendimento a aspectos de um carnaval de rua; de paisagens rurais a grupos de cientistas durante atividades de pesquisa ou diante de instalações da Fundação. Essa pulverização de temas nos permite pensar que a motivação que conduzia a produção das fotografias misturava muitas vezes tanto o caráter estritamente “científico” da missão, como também o registro de aspectos sociais, culturais e econômicos das regiões brasileiras em questão (LACERDA, 2008, p. 147-148).

Diante do exposto fica claro que as fotografias são consideradas documento em um arquivo, seja institucional ou pessoal, e representam um testemunho das atividades do produtor. No caso de cientistas, estas são produzidas também no âmbito do trabalho científico, como ocorre com Castro Faria em relação ao seu trabalho de campo na área da antropologia e também da arqueologia.

Além de levar em consideração o conteúdo da imagem em si, será preciso buscar analisar o contexto de produção e aquilo que Smit chama de dimensão expressiva da fotografia (SMIT, 1996, p.34), ou seja, a forma adotada para expressar o que se quer transmitir pela imagem. O valor expressivo que a imagem proporciona, para além do conteúdo informacional que a mesma oferece, deve ser buscado através da contextualização das imagens.

A importância dos registros fotográficos para a pesquisa social

Na tradição de Tucídides, historiador da Grécia Antiga, o relato eficiente de um evento seria aquele produzido por uma testemunha ocular. Nesse sentido, à medida que tem

como esteio o campo visual, uma imagem poderia ocupar lugar de destaque no discurso científico. Porém, é preciso chamar a atenção para o fato de que o uso das imagens como evidência é sempre contingencial e histórico. Daí a necessidade premente de, como aponta Knauss, questionar seus objetivos da produção da fotografia, de maneira a transcender o discurso acerca da epistemologia da prova – que é o caso dos documentos de arquivo, que possuem valor probatório – com vista a uma história das representações (KNAUSS, 2006, p. 102).

É interessante notar que a fotografia nasceu na mesma época que as ciências sociais, e ambas refletem um momento de demanda social por autoconhecimento, de tentativa de criação de meios de objetivação do mundo visível. No fim do século XIX, a Europa se lançou no projeto de dominação colonial da África e da Ásia, e um novo ramo do saber (a etnologia) surge como forma de conhecer e entender o ‘outro’ a fim de subjugá-lo. A fotografia foi logo incorporada a esses estudos porque facilitava a descrição de pessoas, residências, artefatos e até mesmo de rituais. Um dos marcos na utilização de imagens na pesquisa etnográfica é a obra produzida pelo casal de antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson, coautores de “Balinese Character: A Photographic Analysis”, publicada em 1942 pela Academia de Ciências de Nova York.

Na condição de instrumento para a abordagem antropológica, a fotografia se sobressai tanto como meio de prospectar informações quanto por contribuir para a descrição do fenômeno social a ser analisado. Contudo, nem toda fotografia funciona para a pesquisa social, ainda que se argumente que todo documento fotográfico – como acontece com as fontes escritas – pode se constituir em fonte de informação, dependendo da maneira como for indagado. Ao produzir evidências, descrevendo gestos e situações as mais variadas, o discurso antropológico apresenta as fotografias como fontes primárias que, ao mesmo tempo, são interpretadas e compartilhadas pelos leitores, possibilitando uma leitura para além dos propósitos inicialmente enunciados.

Em outras palavras, se as imagens podem parecer comunicar mais do que se quer mostrar, os caminhos pelas quais estas circulam também redefinem seus usos, significados e funções. Como toda produção humana, sustentam relações sociais e estão envolvidas em jogos de poder. Portanto, a ideia de que as imagens permanecem no imaginário como símbolos das culturas não exclui o fato que as mesmas estão inseridas no âmbito de processos sócio-históricos.

No debate acerca das questões teórico-metodológicas que passam pela produção do saber nas ciências sociais, pode-se pensar nos registros visuais da experiência humana e sua dimensão na construção de narrativas sobre a diversidade étnica e cultural, bem

como no papel da imagem como intermediária entre o conhecimento e suas consequências do ponto de vista da subjetividade (memória) e da objetividade (fotografia). Enfim, em uma variedade de implicações que o campo informacional também precisa estar atento.

O antropólogo Castro Faria

Luiz de Castro Faria (1913-2004) graduou-se em biblioteconomia e museologia em 1936, mesmo ano em que ingressou no Museu Nacional e seguiu carreira acadêmica, em paralelo às atividades docentes na Universidade Federal Fluminense. Foi pioneiro no campo da antropologia no Brasil e mestre de várias gerações de professores e especialistas, tendo atuado como colaborador de Claude Lévi-Strauss na expedição etnográfica à Serra do Norte em 1938. Publicou centenas de trabalhos científicos, foi fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira de Antropologia, membro de diversas sociedades de pesquisa nacionais e internacionais, e lecionou no *London College* e na *Université de Paris*. Ao longo de sua trajetória profissional, Castro Faria dedicou-se a diversos campos de estudo, como teoria e método em antropologia; sistemas econômicos indígenas; antropologia, dentre outros. A arqueologia foi um dos mais profícuos: suas investigações e prospecções em sítios arqueológicos muito contribuíram para o desenvolvimento da antropologia. Em 1960, Castro Faria foi designado pelo governador de Santa Catarina para cuidar da preservação de sambaquis e outras jazidas arqueológicas do Estado. Os resultados mais evidentes de sua longa trajetória profissional também estão retratados em vários livros, artigos, reportagens, entrevistas etc., e sua atuação se confunde com o próprio processo de constituição e autonomia da antropologia como disciplina no Brasil.

Durante toda sua trajetória profissional, Castro Faria produziu registros fotográficos de seu trabalho de campo, que testemunharam e servem de respaldo para suas pesquisas.

Panorama do acervo iconográfico de Castro Faria

Doado ao MAST, o arquivo de Castro Faria reúne mais de 7 mil documentos textuais e iconográficos, estes últimos objeto da pesquisa atual. Este acervo é composto de imagens que retratam a trajetória profissional de Castro Faria. As fotografias e negativos testemunham parte importante da carreira de Castro Faria e seus trabalhos de campo junto às populações indígenas no território nacional, bem como as escavações arqueológicas de sambaquis, dentre outros registros que inspiraram inúmeras produções

acadêmicas. Além disso, também apresenta registros de atividades no Museu Nacional, além de fotografias em ambiente familiar e social.

Considerando as especificidades do material iconográfico presente no Arquivo Castro Faria, o presente projeto tem como objetivo estudar as imagens sob o ponto de vista da atividade produtora do documento, buscando identificar e definir os tipos de imagens, de tal forma que seja possível analisá-las como recurso na prática científica do antropólogo. Assim, o projeto visa estudar tais fontes tendo como foco principal a identificação dos gêneros de imagem.

No momento a documentação iconográfica de Castro Faria está em processo de organização. A identificação dos tipos de imagens será de grande contribuição para a classificação das fotografias, levando em consideração um arranjo que espelhe as atividades desempenhadas pelo produtor dos documentos. O trabalho também auxiliará o processo de descrição dos documentos, bem como a indexação e alimentação da Base de Dados Zenith, do Arquivo de História da Ciência.

Gênero fotográfico e o Arquivo Castro Faria

O gênero fotográfico tem sido utilizado na área jornalística para definir o tipo de fotografia. Podem ser por objetivo da produção da foto, pela tomada de posição, etc. Os documentos fotográficos são aqueles que apresentam a informação por meio de imagem parada. Assim, na arquivística, o gênero iconográfico comporta as fotografias, negativos, diapositivos, desenhos, dentre outros, por se utilizarem de linguagem imagética.

O Manual para indexação de documentos fotográficos da Biblioteca Nacional, publicado em 1996 (ALVES; VALÉRIO, 1996, p. 39), considera gênero pelas características físicas, separando as fotografias nas seguintes categorias:

- Método de projeção ou ponto de vista. Ex.: vista aérea, vista panorâmica.
- Propósito do trabalho. Ex.: fotografia publicitária.
- Características da época em que a imagem foi criada. Ex.: trabalho de estudante.
- Ocasão da publicação. Ex.: cartão de Natal.
- Métodos de representação ou temas. Ex.: fotografia abstrata, paisagem, post-mortem, retratos.

Os gêneros de fotografias estão, basicamente, ligados a categorias de imagem.

De acordo com Míriam Manini (2008, p. 123), dos usos possíveis da fotografia, pode-se mencionar o comercial, o de exposição ou publicação, o probatório, o didático/científico e o pessoal/familiar. Segundo esta categorização, o comercial seria voltado para um uso nos meios de comunicação ou em publicidade. O uso de exposição ou publicação objetiva exibir ou publicar a fotografia para demonstrar uma produção artística, comemorar um evento, divulgar a documentação fotográfica de determinado acontecimento, publicação de livro, revista, dentre outros. No uso probatório, a fotografia é utilizada como prova ou evidência de um fato ou acontecimento. O uso didático ou científico refere-se às imagens utilizadas para aulas, palestras, eventos em geral. A última categoria citada pela autora é a pessoal/familiar, que se refere àquelas destinadas a compor um acervo pessoal, um álbum de família. (MANINI, 2008, p. 123-125).

Ao realizar uma busca na internet com os termos “gênero fotográfico”, é possível localizar algumas categorias, tais como: “moda, eventos, foto científica, paisagens, espetáculos, arquitetura, obras de arte, publicitário, retrato e esporte”¹. E ainda: “fot Jornalismo (fotografia sociais, de esportes, culturais, policiais), fotografia científica (para análise de objetos, auxiliando os cientistas e estudiosos no meio científico a analisar melhor certos objetos), comercial, publicitária, de retrato, de moda, fotomontagens e amadora”².

No caso da fotografia científica, a busca revela algumas definições: “fotografia a serviço da ciência, para registrar espécies, indivíduos e comportamentos”³; a fotografia científica, “também chamada fotografia aplicada, é um grupo de especialidades fotográficas destinadas a obter informação valiosa em forma de imagens para a investigação e o controle de processos, em todos os ramos da ciência, da indústria e da educação, com os seguintes subgêneros: fotografia médica, fotografia térmica, termografia e fotografia pericial”⁴. E ainda: “fotografia a serviço da ciência, para registrar espécies, indivíduos e comportamentos. Pode ser macrofotografia ou microfotografia, onde a câmera é acoplada ao microscópio”⁵.

As definições do que seria a fotografia científica leva em consideração a razão da produção da imagem, e o tipo de técnica da fotografia. No entanto, Manini (2008, p. 124-125) trabalha com os usos da imagem, o que é diferente. Uma imagem pode ter sido

¹ Termos conforme apresentados. Disponível em: <<https://regioesnarrativas.com.br/2014/05/16/8-mai-a-historia-da-fotografia-e-os-generos-fotograficos/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

² Termos conforme apresentados. Disponível em: <<http://artescaup.blogspot.com.br/2009/04/generos-fotograficos.html>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

³ Disponível em: <<https://regioesnarrativas.com.br/2014/05/16/8-mai-a-historia-da-fotografia-e-os-generos-fotograficos/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

⁴ Disponível em: <<http://www.aulafacil.com/cursos/115683/secundaria-eso/dibujo-lineal-secundaria/educacion-plastica-y-visual-4-eso/generos-fotograficos>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

⁵ Disponível em: <<https://regioesnarrativas.com.br/2014/05/16/8-mai-a-historia-da-fotografia-e-os-generos-fotograficos/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

produzida para atender a um objetivo. Porém pode ser “usada” para outro. No caso de fotografias para fins científicos, ela pode ter sido produzida para atender a uma necessidade científica, planejada e produzida dentro de critérios previamente estabelecidos. Mas também pode ter sido produzida dentro de critérios não tão planejados e intencionais, mas apenas buscando registrar momentos, de uma forma mais livre de critérios, buscando situações espontâneas, e ainda assim, servir para um uso científico.

Estas definições para a fotografia científica são um tanto genéricas, necessitando de especificações para dar conta da complexidade de imagens do acervo. Tais categorias não satisfazem ao nível de detalhamento e às especificidades do acervo fotográfico do Arquivo Castro Faria, bem como para o acervo fotográfico do Arquivo de História da Ciência (AHC) do MAST. O AHC vem implementando a atribuição de gêneros de imagens faz alguns anos, porém um estudo mais aprofundado faz-se necessário para melhor definição do material. Alguns significados estabelecidos no passado já não são mais suficientes para compreender a imagem, além de terem sido utilizados diferentes critérios para cada definição, tais como assunto, técnica, conteúdo, ângulo de imagem etc.

Como exemplo de gêneros mais comuns definidos pelo Arquivo de História da Ciência encontra-se: fenômeno da natureza, fenômeno de astronomia, instrumento científico; foto aérea, foto panorâmica, retrato de grupo, retrato de pessoa, micrografia eletrônica, microscopia ótica de polarização, maquete, instalações, fachada, interior de prédio, dentre outros. Esses gêneros estão sendo repensados, pois alguns parecem corresponder mais a assunto, como, por exemplo “maquete”, e não tipo de tomada ou imagem, como por exemplo: vista aérea.

O trabalho científico de Castro Faria passa, por exemplo, pelo processo de ir a campo registrar comunidades indígenas em suas rotinas de vida, produzindo imagens tais como índios pescando, caçando, tecendo suas habitações, meios de transporte etc. Tudo isso resulta uma variedade de imagens que não são necessariamente planejadas dentro de critérios preestabelecidos. Nestes casos, a espontaneidade da produção da imagem conta bastante.

Alguns exemplos de imagens do Arquivo Castro Faria permitem constatar a dimensão da importância e necessidade de se definir as categorias de gêneros para este material, o que iria enriquecer em muito o conhecimento sobre estas fontes.

As imagens são identificadas pelo tipo de tomada, pela técnica ou objetivo, não pelo assunto. Algumas são fáceis de categorizar, como “retrato de grupo” ou “retrato de

pessoa”, “paisagem”, “vista aérea”, etc. Já outras precisarão ser estudadas para se chegar a uma categorização e definição.

Assim, seguem alguns exemplos dos tipos de imagens encontradas no Arquivo Castro Faria.



Figura 1 – Retrato de grupo (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)



Figura 2 – Material arqueológico (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)

Como definir o gênero de imagem da Figura 2? É um foto de objetos dispostos especificamente para a fotografia, para registro de material arqueológico encontrado. Pelas categorias levantadas, poderia ser considerada fotografia científica. Porém, é uma categoria genérica, porque outras fotografias, incluindo fotos de microscópio, por exemplo, também podem ser consideradas científicas.



Figura 3 – Desenho (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)

A fotografia da Figura 3 é uma foto de desenho que representa uma cena cotidiana e, dependendo do acervo e da área científica, como a de estudos antropológicos, também pode ser considerada para fins científicos.



Figura 4 – Homem atirando (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)

A fotografia da Figura 4 apresenta um homem atirando. Para se categorizar e estabelecer um gênero será preciso conhecer a ligação da imagem junto aos outros documentos dentro do arquivo, ou seja, verificar se algum documento do arquivo menciona ou explica a fotografia, ou permite que se deduza alguma informação sobre a imagem. Com isso, o que precisa ser estudado é a relação da fotografia com os demais documentos, para se conhecer o contexto de produção da foto e poder identificá-la.



Figura 5 – Trabalho em laboratório (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)



Figura 6 – Vista aérea (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)



Figura 7 – contato com os índios (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)



Figura 8 – Festas populares (Arquivo Castro Faria/Acervo MAST)

Com esses exemplos pode-se perceber a complexidade da questão da identificação dos gêneros documentais. E algumas perguntas emergem destas imagens, que são alvo do presente estudo: as denominações atuais de gêneros do Arquivo de História da Ciência são suficientes para definir os gêneros deste conjunto documental? Não se faz necessário estabelecer categorias de gêneros para atender às diversidades do acervo, já que não possui apenas imagens do trabalho científico? Quais seriam as categorias a serem consideradas diante da realidade do acervo fotográfico do MAST como um todo?

O presente estudo visa não apenas responder a estas questões, mas também estudar e estabelecer as categorias, padronizando os gêneros e definindo quais tipos de imagens serão consideradas em cada um, com exemplos. A partir daí poderá ser estabelecido um manual ou glossário de gêneros fotográficos para os fundos arquivísticos do Arquivo de História da Ciência, que servirá para retroalimentar o trabalho, bem como servir de modelo para outras instituições.

Considerações finais

O uso da fotografia em expedições etnográficas remonta à segunda metade do século XIX e o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, também teve participação nesse tipo de empreendimento. O acervo de objetos, fotos e filmes da instituição foi bastante ampliado a partir dos trabalhos da Comissão Rondon em 1907 e a viagem de Roquette-Pinto a Rondônia no ano de 1912. Já plenamente institucionalizada como mecanismo de pesquisa e registro, a câmera fotográfica também ganhou espaço na bagagem de Castro Faria como representante brasileiro na expedição do etnólogo francês Lévi-Strauss à Serra do Norte em 1938, consagrada décadas mais tarde pela publicação da obra *Tristes trópicos*.

Patrícia Monte-Mór assevera que as imagens produzidas por Castro Faria nessa ocasião foram precursoras tanto para a história da antropologia brasileira, quanto para a história da antropologia visual (MONTE-MÓR, 2001, p. 28-31). Foram mais de 800 imagens clicadas somente nessa viagem, constituindo um acervo marcadamente singular. Somadas aos cadernos de campo do antropólogo, as fotografias ultrapassam o mero registro: se tornam verdadeiros guias de viagem. Na concepção do próprio Castro Faria, o papel emblemático da escrita no trabalho antropológico seria insuficiente sem o recurso da fotografia, fundamental para a reelaboração da primeira.

Na volta da Expedição à Serra do Norte, Castro Faria passou de auxiliar a naturalista do Museu Nacional e intensificou as pesquisas de campo em etnografia e arqueologia, domínios em torno dos quais se dedicou ao longo de muitos anos. Empreendeu viagens

aos municípios fluminenses de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, documentando, através das lentes de câmeras fotográficas, a ocupação pré-colonial tupi na região a partir de vestígios de cerâmicas encontradas às margens do Rio Paraíba. Também realizou investigações acerca dos sambaquis meridionais no Paraná e em Santa Catarina, fotografando-os minuciosamente e dando testemunho de sua destruição em ritmo acelerado. Seu objetivo era registrar ao máximo todas as jazidas conhecidas, com anotações relativas à localização exata dos sambaquis, suas características morfológicas e composição malacológica, além da coleta de material arqueológico e possibilidades de exploração.

A partir do estudo dos gêneros de imagens constantes no fundo de Castro Faria, será possível tipificá-las de acordo com as atividades e pesquisas científicas realizadas, fornecendo aos pesquisadores do acervo uma informação mais contextualizada.

A atualização da tabela de gêneros adotada pelo Arquivo de História da Ciência estará acessível na base de Dados Zenith para consulta online via página institucional do MAST. Assim, poderá ser consultada à distância e promover o debate e a reflexão em torno da temática dos arquivos iconográficos. A disseminação dos estudos a cerca dos gêneros documentais é um tema de interesse não apenas de arquivos, mas também de bibliotecas e museus, visto ser a fotografia um objeto de preservação e estudo destas três instituições. Além disso, promove também estudos em torno da organização de arquivos pessoais, que são uma fonte rica de material fotográfico.

A produção de artigos e textos sobre os resultados da pesquisa, por meio de publicações e apresentação de comunicações em eventos da área, proporcionará reflexão e respaldo às decisões institucionais na organização de seus acervos fotográficos. A tipificação das imagens poderá ser utilizada como subsídio para outros acervos e instituições que lidam com imagens, ampliando assim o acesso a este patrimônio da ciência brasileira, tornando-o manancial para pesquisadores de diversas áreas das ciências sociais.

Referências

ACERVO: Revista do Arquivo Nacional. *Fotografia*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, v. 6, n. 1-2, jan.-dez. 1993. 172 p.

ALVES, Monica Carneiro; VALÉRIO, Sérgio Apelian. *Manual para indexação de documentos fotográficos: versão preliminar*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1996.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debatendo Terry Cook. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 1, n. 21, p. 201-207, 1998.

- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivo, documento e informação: velhos e novos suportes, *Revista Photo & Documento*, n. 1, 7 p., 2016.
- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. A última expedição etnográfica do século XX. In: FARIA, Luiz de Castro. *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001, p. 12-21.
- ESTUDOS Históricos. *Antropologia e arquivos*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, n. 36, jul.-dez. 2005. 156 p.
- FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: duas ciências*. Notas para uma história da antropologia no Brasil. Org. de Alfredo Wagner Berno de Almeida e Heloisa Maria Bertol Domingues. Rio de Janeiro: CNPq; MAST, 2006.
- FARIA, Luiz de Castro. Antropologia no Brasil: depoimento sem compromissos de um militante em recesso. *Anuário Antropológico/1982; Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, p. 228-250, 1984.
- FARIA, Luiz de Castro. Antropologia no Brasil: trajetória intelectual do professor Luís de Castro Faria [6 abr. 1997]. Entrevista concedida a Ângela de Castro Gomes e Gizlene Neder. *Tempo*, UFF, v. 2, n. 4, p. 175-195, dez. 1997.
- FARIA, Luiz de Castro. *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001.
- FREIRE, Marcius. Gregory Bateson, Margareth Mead e o caráter balinês. Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em Balinese Character: A Photographic Analysis. *Alceu*, v. 7, n. 13, p. 60-72, jul.-dez. 2006.
- GOMES, Mércio Pereira. *Antropologia: ciência do homem; filosofia da cultura*. São Paulo, Contexto, 2014.
- HEREDIA HERRERA, Antonia. La fotografía y los archivos. In: *Foro Iberoamericano de La Rábida*. Segundas jornadas archivísticas, 1993. Palos de la Frontera. La fotografía como fuente de información. Huelva: Diputación Provincial, 1993, p. 7-15.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.
- LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 19, n. 1, p. 283-302, jan.-mar. 2012.
- MANINI, Miriam Paula. A fotografia como registro e como documento de arquivo. In: BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida (Orgs.) *Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas*. Londrina, PR: EDUEL, 2008.
- MONTE-MÓR, Patrícia. A fotografia na pesquisa antropológica: a propósito das imagens de Castro Faria. In: FARIA, Luiz de Castro. *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001, p. 28-31.
- PEIRANO, Mariza G. S. A antropologia como ciência social no Brasil, *Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 219-232, 2000.
- PEREIRA, Juliana da Cunha Alves. *O arranjo arquivístico e a trajetória profissional: o arquivo do antropólogo Luiz de Castro Faria*. 2009. 52 f. Monografia (Especialização *Lato Sensu* em Preservação de Acervos de C&T) - MAST, Rio de Janeiro.
- SANTOS, Paulo Elian dos. A ciência, os cientistas e seus arquivos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), v. 7, n. 1, p. 21-33, jan.-jun. 2008.
- SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. *Arquivos pessoais como fonte: reconhecendo os tipos documentais*. In: GRANATO, Marcus (Org.). *Museologia e patrimônio*. Rio de

Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015. (MAST 30 anos de pesquisa, v.1). p. 178-203.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; TRANCOSO, Márcia Cristina Duarte. Produção documental de cientistas e a história da ciência: estudo tipológico em arquivos pessoais. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 22, n. 3, p. 849-861, 2015.

SILVA, Maria Celina Soares de; SANTOS, Paulo Elian dos. *Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência*. Rio de Janeiro: AAB, 2012.

SIMÃO, Luciene de Menezes. Elos do patrimônio: Luiz de Castro Faria e a preservação dos monumentos arqueológicos no Brasil, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, v. 4, n. 3, p. 421-435, set.-dez. 2009.

SMIT, Johanna. A representação da imagem. *Informare*, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.